

**LEITORES DE FOLHETIM DO SÉCULO XIX NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS
DESSOS NOVOS LEITORES DE FOLHETIM DO CORREIO
PAULISTANO**

**THE FEUILLETON'S BRAZILIAN READERS OF
NINETEENTH CENTURY: AN ANALYSIS OF SUCH
DISCOURSIIVE REPRESENTATIONS OF THESE NEW
READERS OF CORREIO PAULISTANO**

*Débora Cristina Ferreira Garcia**
Universidade Federal de São Carlos

*Luzmara Curcino Ferreira***
Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: Analisaremos neste trabalho alguns elementos recorrentes na escrita de folhetins de modo geral, e particularmente das narrativas de ficção publicadas nas décadas de 1860 e 1870 nos rodapés do *Correio Paulistano*, com o intuito de mostrarmos como certas estratégias utilizadas por escritores e por editores criaram condições de atrair um novo público que se formava à época, tanto na Europa, em especial na França, em que a população se alfabetizava de forma bastante rápida, como no Brasil, num período marcado ainda pelo número alarmante de analfabetos no século XIX.

* Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr – Araraquara-SP. Realiza seu pós-doutorado junto ao Departamento de Letras e ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: debora_cfg@hotmail.com

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr e Professora adjunta do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: luzcf@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Folhetim. *Correio Paulistano*. *Novos Leitores*.

ABSTRACT: We will review in this paper some recurring elements in feuilleton 's writing in general, and particularly the narratives of fiction published in the 1860s and 1870s in the *Correio Paulistano* footers, aiming to show how certain strategies used by writers and editors have created conditions to attract a new audience that was forming at the time, both in France, where the population learned to read rapidly, as in Brazil, marked by the alarming number of illiteracy in the nineteenth century.

KEYWORDS: Feuilleton. *Correio Paulistano*. *New readers*.

LEITORES DE FOLHETIM DO SÉCULO XIX NO BRASIL: UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DESSES NOVOS LEITORES DE FOLHETIM DO CORREIO PAULISTANO

1. A INVENÇÃO DE UM GÊNERO E DE UM PÚBLICO LEITOR

Muito já se conhece sobre a história do folhetim, sobre seu surgimento na França, sua expansão para diversos países do mundo e sobre a constituição do gênero romance-folhetim¹, o que não dispensa a necessidade de refle-

¹ Nessa seção editorial designada folhetim, dos diversos jornais do mundo, publicava-se vários tipos de texto – crônicas, contos, novelas, romances. Tamanho foi o sucesso dos romances publicados em partes que dessa fórmula e seção editorial derivou o gênero romance-folhetim, que designa os romances escritos (muitas vezes sob encomenda) para circularem primeiramente no jornal, com regras específicas para sua escrita, como o corte bem feito, a criação do suspense, a exploração do sentimentalismo exacerbado, entre outros, e que foi responsável em grande medida para o sucesso dessa seção editorial e dos jornais que a acrescentaram entre suas seções, da ampliação de público-leitor, da divulgação e sucesso de muitos escritores estrangeiros e nacionais, da profissionalização, em especial no Brasil, de escritores nacionais. Em função de seu formato editorial e da popularização que a fórmula garantia à literatura, não é sem razão encontrarmos vários autores que, embora devam parte de seu sucesso a essa forma de publicação, justificam a eventual falta de qualidade de seus textos à fórmula para a escrita e à condição de publicação do texto literário. Um exemplo clássico desse tipo de justificativa encontra-se no prefácio do romance “A mão e a luva” de Machado de Assis, escrito em 1874: “Esta novela, sujeita às urgências da publicação diária, saiu das mãos do autor capítulo a capítulo, sendo natural que a narração e o estilo padecessem com esse método de composição, um pouco fora dos hábitos do autor. Se

tirmos sobre o papel que esse fenômeno jornalístico do século XIX exerceu sobre as práticas dos leitores tanto da França como também do Brasil que, embora não tivesse um quadro social semelhante ao francês, acatou a inovação jornalística que aqui representou grande sucesso editorial.

Do ponto de vista do surgimento desse gênero (textual e editorial), sabemos que o folhetim aparece nas páginas dos jornais franceses no século XIX quando o proprietário do jornal *La Presse*, Émile de Girardin, junta-se a Dutacq, do jornal *Le Siècle*, para lançarem na parte inferior da página, ou seja, no rodapé de seus periódicos, textos de ficção curtos, ou textos de ficção mais extensos divididos em partes. O objetivo comum desses editores em inserir essa nova seção na publicação dos jornais franceses era o de manter a fidelidade das assinaturas de seus leitores tradicionais e de ampliar a recepção do jornal até então circunscrita às camadas mais abastadas da população num período em que se amplia a urbanização da população e o acesso à alfabetização.

Os periódicos buscam, assim, se modificar, tornando-se mais acessíveis a um novo público leitor, mais popular tanto do ponto de vista financeiro, como intelectual. Em outras palavras, além da inserção sistemática de publicidade nesses periódicos, o que permite aos jornais angariar novos recursos financeiros, torna-se imprescindível a criação de espaços editoriais distintos dos dedicados aos artigos políticos e técnicos que ocupavam as páginas do impresso.

O espaço dedicado ao folhetim é criado com vistas a garantir ao público em geral uma leitura mais amena, de divertimento e de lazer, atingindo não apenas os leitores tradicionais da imprensa como também *novos leitores*². A

a escrevera em outras condições, dera-lhe desenvolvimento maior, e algum colorido mais aos caracteres, que aí ficam esboçados. [...] O que aí vai são umas poucas páginas que o leitor esgotará de um trago, se elas lhe aguçarem a curiosidade, ou se lhe sobrar alguma hora que absolutamente não possa empregar em outra cousa, - mais bela ou mais útil.”

² Essa designação foi empregada pelo historiador Jean Hébrard (2004) em seus estudos sobre a autodidaxia no período do Iluminismo. Em detrimento da expressão “leitores populares”, cujo emprego era muito marcado pelo pertencimento do leitor a um universo socioeconômico menos privilegiado e a um universo cultural de menor prestígio ou sem reconhecimento, o historiador opta por designar e por definir, segundo outros princípios (para ele mais coerentes) a especificidade desse público leitor a que ele se dedica a analisar, que se caracteriza pelo fato de terem “entrado por arrombamento na cultural letrada”, pois não correspondiam ao público leitor conhecido, elitizado e idealizado, tanto pelo autor

fórmula editorial de sucesso do romance-folhetim resume-se, para além da temática (que priorizava histórias de amor em alguma medida revolucionárias, uma vez que para tratar de amores impossíveis são criadas narrativas com os dramas de personagens de classes sociais muito distintas que se apaixonam, mas não podem concretizar seu amor em função dessas regras sociais e morais estritas que combatem, criticam e expõem em sua arbitrariedade cada vez mais questionada), à adoção de algumas características formais na escrita dos textos, como a adoção de uma extensão breve para as unidades publicadas (seja por meio de gêneros breves, como a crônica, seja com a publicação de capítulos e subcapítulos de gêneros maiores como romance), estrutura dialogal e adoção de um léxico mais mediano e comum, com a construção de períodos mais simples e breves (simulando a estrutura de conversas cotidianas), apelo ao suspense ao final de cada episódio, de modo a garantir o interesse pela leitura da continuação de narrativas mais extensas como o romance.

Alguns fatores externos à constituição do gênero folhetim também permitiram seu grande sucesso na Europa oitocentista e no Brasil do século XIX. O primeiro deles está relacionado aos regimes europeus que dão início ao processo de alfabetização de sua população, tal como indicado pelo historiador cultural Martyn Lyons:

quanto pelo editor dos textos, e, por essa razão, não compartilhavam dos mesmos valores, hábitos e competências desses leitores tradicionais pressupostos quando da produção dos textos, lendo-os à sua maneira, apropriando-se desses textos e alterando eventualmente o padrão e as regras de sua produção. Entre as pesquisas históricas desenvolvidas sobre leitores populares, ou *novos leitores*, do século XVI ao XIX na Europa, destacamos as realizadas por: Roger Chartier (1999, 2003) (referentes ao público leitor da *Bibliothèque Bleue*), Carlo Ginzburg (1987), Jean-Marie Goulemot (1981), Daniel Roche (1982), entre outros. O emprego dessa expressão aqui se justifica à medida que, com a expansão do público leitor dos periódicos, textos que antes eram produzidos e lidos por leitores que pertenciam ao mesmo grupo de referência dos autores, editores e críticos e por isso compartilhavam os mesmos valores, competências e hábitos da cultura letrada, são lidos por leitores que podemos designar como *novos leitores*, em função de, muitas vezes, por razões excepcionais em sua trajetória de vida, tornarem-se os primeiros em seu grupo social de referência (família, estado, profissão, bairro, comunidade), a travarem contato com uma dada cultura escrita, em sua maioria na condição de autodidatas, sem terem, para isso, herdado as ferramentas mentais ou o capital cultural que lhes permitiriam a apropriação de certos textos segundo as regras convencionadas no interior do universo cultural letrado, ao qual não pertenciam, mas no qual e para o qual esses textos haviam sido produzidos.

Na França da época da revolução, cerca de metade da população masculina e aproximadamente 30% das mulheres sabiam ler. Na Inglaterra, onde eram mais altas as taxas de alfabetização, em 1850, 70% dos homens e 55% das mulheres sabiam ler. O Reich alemão, em 1871, tinha taxa de alfabetização de 88%. (LYONS, 1999, p. 165)

Aproximadamente na última década do século, ainda segundo Lyons (1999), a população europeia alcança de maneira quase unânime a taxa de 90% de alfabetização, neutralizando-se, nesse período, a discrepância entre os alfabetizados do sexo feminino e masculino. Além disso, a redução da jornada de trabalho permite maior tempo a outras atividades, entre elas a dedicação à leitura, o que faz com que a classe operária, as mulheres e as crianças, oriundas tanto da classe mais privilegiada quanto das classes populares, componham um novo contingente de leitores, público este que será responsável pela ampliação sem precedentes do consumo do impresso, que vive então o que ficou conhecido na Europa como a “era de ouro” do livro no mundo ocidental, uma vez que, segundo o historiador, esta foi “a primeira geração a alcançar alfabetização de massa [e] foi também a última a ver o livro atuando sem a competição de outros meios de comunicação, como o rádio ou a mídia eletrônica do século XX” (LYONS, 1999, p. 166).

Como o desenvolvimento das técnicas de impressão a partir de 1830 responde de modo eficaz a uma demanda de leitura em plena expansão, o mercado dos livros e o da imprensa não podiam ignorar essa nova massa de leitores. O romance, embora muito criticado no século XVIII por autores, editores, críticos literários e leitores eruditos, é o gênero que se destaca entre esses *novos leitores* do século seguinte, conforme exemplifica Lyons (1999, p. 196): “na década de 1840, as edições [de romances] de cinco mil cópias eram já mais comuns, enquanto na década de 1870 as edições mais baratas de Júlio Verne alcançaram tiragens de 30 mil exemplares”. O que explica essa predileção do velho e do novo público?

A imprensa tem papel fundamental na formação desses *novos leitores* europeus. Jean-Yves Mollier (2008), em suas reflexões acerca da presença

dos folhetins na imprensa e de sua relação com a livraria francesa no século XIX, destaca que o mercado europeu possuía boa demanda em relação ao romance, na medida em que:

As grandes revistas literárias já publicavam romances em fascículos bimensais, criando assim certo efeito de busca pelo suspense, que se tornou uma das molas essenciais do romance-folhetim. Por outro lado, novos periódicos, com o *Penny Magazine*, em 1832, e o alemão *Pfennigmagazin*, em 1833, tinham surgido por quase toda a Europa: eram folhas familiares de informações gerais, contendo folhetins literários [...]
(JEAN-YVES MOLLIER, 2008, p. 86-87)

Ainda segundo o autor supracitado, embora já existissem meios de propagação do romance naquela época, é o folhetim que vai exercer forte influência não apenas na ampliação do público leitor, como também na transformação das práticas de leitura e na forma de editar os livros e os demais impressos. A fragmentação dos textos e a diminuição da extensão dos capítulos produzirão uma mudança na própria linguagem literária do romance, então menos descritiva, cujos capítulos são relativamente mais independentes.

Disso decorrerá um refluxo da prática de leitura intensiva desses capítulos (que havia sido substituída pelo modelo de leitura extensiva que se tornou predominante desde a expansão dos impressos com a invenção dos tipos móveis), que serão lidos e relidos, individual ou coletivamente³, que serão guardados e colecionados, que serão, enfim, encadernados artesanalmente e guardados como relíquias e, eventual e posteriormente adquiridos sob a forma editorial de livro impresso. Essa fragmentação, que reorientará

³ A declaração de José de Alencar, de 1873, em seu texto “Como e porque sou romancista” é sintomática desse refluxo da prática de leitura intensiva provocado pelo sucesso dos romances-folhetins: “Nosso repertório romântico era pequeno; compunha-se de uma dúzia de obras entre as quais primavam a Amanda e Oscar, Saint-Clair das Ilhas, Celestina e outras de que já não me recordo. Esta mesma escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espírito os moldes dessa estrutura literária, que mais tarde deviam servir aos informes esboços do novel escritor.”

a produção editorial em geral, alinha-se e responde, como constata Lyons (1999), ao ritmo de trabalho cheio de interrupções de um grupo importante de *novos leitores*, as mulheres, cujas demandas modernas para a dona-de-casa e para a operária haviam se alterado fragmentando sua rotina de trabalho.

O sucesso do folhetim entre os leitores europeus da época promove grandes debates a respeito dessa forma de publicação. Saint-Beuve aparece nessa batalha criticando a substituição de uma literatura das *Belles Lettres* pela literatura industrial, como se referia ao mercado folhetinesco. Apesar das críticas, essa fórmula editorial ganha o mundo e chega ao Brasil.

2. FOLHETINS DO CORREIO PAULISTANO E SEUS NOVOS LEITORES

A descoberta dessa mina de ouro para os jornais ocorre em terra brasileira nos anos de 1830, criando, como é de se esperar, um público amplo e cativo. Em 1836, José Justiniano da Rocha, assim saúda a novidade da ficção em séries:

[...] abençoada invenção periódica; filho mimoso de brilhante imaginação, que trajas ricas galas, que te cobres de joias preciosas, tu, que distrais a virgem de seus melancólicos pensares, o jovem estudioso de seus cálculos dinheirosos, o despreocupado proprietário de seu descanso insípido, o ardente ambicioso de seus planos ilusórios, tu que fazes esquecer o trabalho ao pobre, tu que fazes esquecer o ócio ao rico, permite, oh, permite, duende da civilização moderna, que nosso proselitismo te procure sectários em o nosso Brasil que é digno de adorar-te!!!

(ROCHA apud MEYER, 1998, p. 120-121)

Os brasileiros, portanto, aderem à moda folhetinesca. É certo que o folhetim no Brasil não atinge o mesmo apogeu de comercialização como na França, em que é lido e relido pelos operários, porteiros, costureiras, lavadeiras, assim como pela classe abastada. No entanto, sabe-se que pratica-

mente todos os jornais da capital, das províncias e até mesmo do interior das províncias tupiniquins publicam romances no rodapé da primeira página⁴.

Outro fator que comprova o sucesso do folhetim no Brasil é a transformação que essa estratégia jornalística provoca no setor editorial da época: praticamente toda a ficção em prosa daquele período é publicada em folhetins de jornais e revistas para, depois, conforme o sucesso obtido, sair em volumes⁵. Marlyse Meyer (2005), referência nos estudos sobre a história do folhetim na França e de sua introdução nos periódicos brasileiros, principalmente no Rio de Janeiro, então centro político e irradiador da cultura brasileira do século XIX, mostra que a tradução portuguesa de *Mistérios de Paris*, de Eugene Sue, chega aos rodapés do *Jornal do Commercio* em 1º de setembro de 1844. Um mês depois, em 1º de outubro de 1844, sai pela primeira vez na história do jornal, um reclame enorme, com tipos garrafais, ocupando toda a sua largura, em rodapé: “Acham-se a venda em casa de J. Villeneuve & Cia., rua do Ouvidor, 65, OS MISTÉRIOS DE PARIS. Primeira Parte – um volume – nítida edição – 1\$00.” (*Jornal do Commercio*, 1 de outubro de 1844, apud MEYER, 2005, p. 283).

⁴ Embora não tenhamos dados quantitativos a respeito da repercussão positiva dos folhetins em território nacional, podemos inferi-la a partir da influência que esses textos exerceram em diversas áreas e que são atestadas em diversas obras que se ocuparam da recepção dos folhetins em vários estados brasileiros, como as desenvolvidas por Marlyse Meyer (2005) no Rio de Janeiro, Yasmin Nadaf (2002) no Mato Grosso, Antonio Hohfeldt (2003) no Rio Grande do Sul, e em projetos como *Jornais e Folhetins Literários da Paraíba do século XIX* desenvolvido na Universidade Federal da Paraíba, e *Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação de romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880*, no Pará. Todas elas mostram a presença marcante dessa seção nos jornais de diversos estados brasileiros. Somam-se a isso as antologias organizadas por Tania Rebelo Costa Serra (1997) e José Ramos Tinhorão (1994) sobre os romances-folhetins que circularam no Brasil no século XIX e começo do XX, o que nos dá um panorama do impacto e da circulação dessa fórmula editorial e desse gênero no país.

⁵ Um exemplo disso é narrado por José de Alencar (1873): “Escrevi Cinco Minutos em meia dúzia de folhetins que iam saindo na folha dia pôr dia, e que foram depois tirados em avulso sem nome do autor. A prontidão com que em geral antigos e novos assinantes reclamavam seu exemplar, e a procura de algumas pessoas que insistiam pôr comprar a brochura, somente destinada à distribuição gratuita entre os subscritores do jornal; foi a única, muda mas real, animação que recebeu essa primeira prova. Bastou para sustentar a minha natural perseverança. Tinha leitores e espontâneos, não iludidos pôr falsos anúncios. Os mais pomposos elogios não valiam, e nunca valerão para mim, essa silenciosa manifestação, ainda mais sincera nos países como o nosso de opinião indolente.”

Às edições dos volumes traduzidos juntam-se as obras escritas na língua original e outras que recebem novos atrativos para serem postas à venda, como é o caso de *Os mistérios de Paris*, que também circula no comércio de livros em volumes com gravuras. Graças às variadas versões e às formas materiais de circulação dos textos, o romance-folhetim atinge novos segmentos da sociedade, uma vez que pode ser lido no próprio jornal, mais acessível pela modicidade do preço ou nas edições em volumes, mais caras e, portanto, mais voltadas ao público mais abastado. Os leitores dessa época ainda podiam ter acesso às narrativas folhetinescas por meio de práticas relativamente comuns no período, como a da coleção particular e encadernação artesanal desse material que, depois de compilado poderia atingir novos públicos por meio de empréstimos pessoais, ou pela leitura coletiva, ainda que em âmbito familiar, de suas páginas.

Essas diversas formas de apropriação sinalizam para o fato de que os folhetins podem ter tido um grau de recepção muito maior do que se pode quantificar por meio de pesquisas quantitativas que indicam o número de leitores dos jornais ou a presença de obras folhetinescas nas bibliotecas públicas ou particulares já catalogadas. Esses números não respondem fielmente à demanda dessas obras entre os leitores de folhetins do século XIX, cujas formas de acesso (empréstimos desses exemplares artesanais, leitura em voz alta e coletiva em espaços privados ou públicos) e cujo uso intensivo (que degrada e elimina os objetos materiais que portam os textos) não permitem mensurar precisamente sua efetiva demanda e circulação, senão apenas deduzi-la.

Em São Paulo, os textos de ficção narrativa têm grande repercussão entre os leitores dessa província. No *Correio Paulistano*⁶, por ser o primeiro diário impresso da então província paulistana e o terceiro do país, a seção folhetim já aparece no segundo dia de publicação do jornal, em 27 de junho de 1854, com a publicação da crônica *O telegrapho*, de autor anônimo. Dadas as suas

⁶ Jornal cujo estudo é desenvolvido segundo o projeto de pesquisa de Débora Ferreira Garcia, em nível de pós-doutorado, financiado pela FAPESP (2012/06457-0), intitulado “Os leitores de folhetins do *Correio Paulistano* no século XIX”, e desenvolvido junto ao LIRE – Laboratório Interdisciplinar de estudos das Representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo, no Departamento de Letras da UFSCar, sob a supervisão da Profa Dra Luzmara Curcino.

características, (temas cotidianos, linguagem simples, tom conversacional, informal e ameno), a crônica predomina na primeira década de publicação do folhetim no *Correio Paulistano*. Os textos escritos nesse formato têm como objetivo instigar a reflexão dos leitores à respeito dos assuntos de importância no momento, como a segurança e a higiene públicas, a administração da província e os maus costumes da população.

O levantamento desse material oferece um rico histórico sobre a cidade de São Paulo daquela época: retratada frequentemente como um vilarejo pacato, de infraestrutura elementar e modo de vida simples, iniciando um processo de transformação que atinge não somente a administração pública como também os costumes considerados ainda rudimentares da população.

As críticas teatrais aparecem como o segundo gênero mais representativo na seção folhetim do *Correio Paulistano* na primeira década de sua publicação. Algo esperado em uma sociedade que, de acordo com Alberto de Sousa (1904, p. 13), autor de *Memória histórica do Correio Paulistano*, “além das partidas familiares nas casas abastadas e dos famosos saraus das noites do Cassino, os paulistas amavam a arte dramática e o teatro lyrico”. As críticas teatrais desse jornal, visando o aprimoramento da vida cultural paulistana, responsabilizam-se pela avaliação minuciosa das apresentações – do cenário à postura do ator no palco. O papel do crítico é o de produzir um discurso didático e pragmático, propondo formas corretas de ação de todos os envolvidos para alcançarem o sucesso nessas apresentações. Reitera-se constantemente nessas críticas a noção de precariedade do vilarejo em relação à cultura teatral – falta de ensaios, descompromisso com a produção do cenário e com o figurino, prédio e acomodações rudimentares etc.

A primeira aparição da ficção narrativa, de romances, sob a forma de folhetim no *Correio Paulistano* ocorre um ano após a inauguração do jornal, com a publicação de “Joannita”, romance assinado por Casimiro Henricy, inserido no rodapé do jornal de forma irregular no primeiro semestre de 1855. Só na década seguinte é que o gênero sobressai-se em relação aos demais, com a reprodução de diversas obras estrangeiras, principalmente de franceses, portugueses e espanhóis.

Autores como o português Camilo Castelo Branco e os franceses Marquês de Foudras e Ernest Capendu são os autores que mais se destacam na

seção folhetim do *Correio Paulistano* das décadas de 1860 e 1870, já que são reproduzidas mais de uma obra de autoria de cada um deles⁷. Quanto aos nomes de autores franceses já consagrados pelas publicações sob a forma de folhetim em jornais franceses e estrangeiros, apenas as narrativas “Os moicanos de Paris”, de Alexandre Dumas, que ocupa o rodapé do jornal por aproximadamente dois anos, e “Os filhos de Judas”, de Ponson du Terrail, são publicados no jornal *Correio Paulistano*. A publicação de textos de autores brasileiros não se destacou nessas primeiras décadas. Entre os escritores nacionais, o nome mais conhecido de nossa literatura que publicou nesse gênero no jornal paulistano é Manuel Antonio de Almeida, com “Memórias de um sargento de milícias”, publicado originalmente no *Correio Mercantil* em 1852. O *Correio Paulistano* insere os capítulos desse romance do autor brasileiro em suas páginas em 5 de junho de 1866, e os publica diariamente durante aproximadamente dois meses. Vale lembrar que, seguindo a tradição dessa década, a ficção narrativa era interrompida no final de semana para a publicação dos folhetins em forma de crônica.

Em relação aos elementos que constituem as narrativas de ficção impressas nos rodapés dos periódicos, e que de certo modo contribuem para a adesão de um público leitor ainda em formação, é sabido que o romance-folhetim atinge sua fórmula perfeita na década de 1840, na Europa, cujos expoentes são as obras de Alexandre Dumas e Eugene Sue, que se tornam então referências para os escritores que almejam o sucesso nesse tipo de publicação. Assim, para ganhar a adesão de um público cada vez mais vasto, os escritores têm de seguir algumas regras.

O primeiro princípio estético básico dos folhetins em forma de narrativas ficcionais é o corte preciso de seus capítulos. Mesmo as ficções que não são encomendadas pelo jornal para serem publicadas nesse formato devem explorar esse item básico, haja vista que muitas narrativas foram retiradas de livros e adaptadas à nova seção no período inicial de publicação dos folhe-

⁷ Ainda não foi possível precisar as razões e o modo como os romances a serem publicados sob a forma de folhetim eram selecionados pelo jornal, ou seja, se essas obras eram sistematicamente reproduzidas de livros que faziam parte do escritório do *Correio Paulistano*, ou se sua produção era encomendada por editores a autores locais. Tendo em vista os dados levantados até o momento, observamos que o jornal paulistano utilizava-se sobretudo da primeira estratégia.

tins. “Lazarrilo de Tormes” é um exemplo desse processo. Escrita no século XVI, essa narrativa é escolhida pelo *Le Siècle* como a obra que dá início à nova seção do jornal francês. Com o objetivo de alimentar o apetite diário do leitor, as narrativas devem ser interrompidas em momento de grande tensão, de modo a garantir a curiosidade, a assiduidade e a fidelidade do público. Essa estratégia pode ser exemplificada com um fragmento da narrativa intitulada “Suzanna d’Estouville”, escrita por Marquez de Foudras, e publicada no *Correio Paulistano* na década de 1860:

“Como é amada” pensou Eleonora em quanto madame Granval abraçava Clara com ternura, e Leoncio se aproximava de uma jànèlla para occultar a sua emoção. Neste momento entrou um criado e entregou uma carta a mademoiselle de Royan.

—É de Suzanna! disse ella soltando um grito de alegria, e rompeu immediatamente o sinete.

(Continúa.)

(Suzanna d’Estouville, *Correio Paulistano*, 1 de agosto de 1863, p. 01)

Sabemos até esse momento da narrativa que Suzanna é dama de companhia de Madame Granval e que por ordem do destino teve de deixar a casa dessa senhora para cuidar de um tio velho e enfermo. Durante a conversa desenvolvida nesse capítulo, as personagens discutem sobre o paradeiro da jovem que há tempo não dava notícias. Ao final, o leitor é surpreendido com o recebimento da carta de Suzanna, cujo conteúdo só seria revelado na publicação do próximo número do jornal. Essa forma de interrupção da história em certos momentos da narrativa tinha por função aguçar a curiosidade do leitor⁸. Soma-se ao recurso do corte preciso a fragmentação da obra em várias partes, em capítulos ou subcapítulos. A esses dispositivos

⁸ Essa estratégia não apenas vigorou na produção de outros romances publicados de forma seriada na imprensa, impactando sobre a própria estrutura da escrita de romances, como também forneceu a fórmula para outros meios, como os audiovisuais, na construção de suas novelas.

Martin-Barbero (1997) nomeia de dispositivo de fragmentação da leitura, ao que, para o estudioso da cultura de massa, “boa parte do sucesso massivo do folhetim residia aí: numa fragmentação do escrito que incorporava os cortes produzidos por uma leitura não especializada como é a leitura popular” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 193).

Na tabela abaixo temos o exemplo de um folhetim de Camilo Castelo Branco, intitulado “Aventuras de Bazílio Fernandes Enxertado”, publicado no rodapé do jornal paulistano em 1863, mesmo ano em que a obra é publicada em livro, em que se pode observar a forma como essa história foi segmentada pelo jornal:

Nome dos capítulos	Data
I. Nasce o heroe. A cabeça e as espertezas do mesmo	13 de setembro de 1863
II. As delícias portuenses do peixe frito, antes da civilização. Custódia banhada pela luz do século. Bonifácia sustenta as saudáveis doutrinas da estupidez.	15 de setembro de 1863
II.	
III. O heroe em mangas de camisa	18 de setembro de 1863
III.	19 de setembro de 1863
IV. Afoga-se Bazílio e desafoga-se milagrosamente	20 de setembro de 1863
IV.	22 de setembro de 1863
V. Bazílio poeta, conquista um tacho. O que lhe aconteceu na capoeira	23 de setembro de 1863
V.	27 de setembro de 1863
VI. A paixão fatal do heroe. Memórias de nossos dias	30 de setembro de 1863
VI. VI. O coração inimigo das pernas	1 de outubro de 1863
VII.	3 de outubro de 1863

VIII. Com comendas e bolos se enganam os tolos	4 de outubro de 1863
VIII. IX. Bazílio entre as senhoras raposeiras e o mais que se disser	6 de outubro de 1863
IX. X. Em que entra o author	8 de outubro de 1863
X. XI. Vantagens do roubo contra os inconvenientes. Da predestinação segundo Balzac.	9 de outubro de 1863
XI.	11 de outubro de 1863
XI. Dois exemplos de amor paternal	13 de outubro de 1863
XII. XII. Chora o heroe	15 de outubro de 1863
XIII.	16 de outubro de 1863
XIII. Ama Bazílio uma prima-donna Di Castello. Do real theatro de S.João	de outubro de 1863
XIV. XV. Que estudo elle teve!...	18 de outubro de 1863
XV. XVI. Castigo de leviandade. Capítulo de muita moral	21 de outubro de 1863
XVI.	22 de outubro de 1863
XVII. A minha correspondência com Bazílio Fernandes Enxertado	23 de outubro de 1863
XVII. XIX. Lágrimas. Capítulo fastidioso	24 de outubro de 1863
XIX. XX. A santa poesia da caridade	25 de outubro de 1863
XX. XX. Como elles se amavam, sem afrontarem a moral pública	27 de outubro de 1863

Tabela 1 – Divisão da obra “Aventuras de Bazilio Fernandes Enxertado” em capítulos publicados em 1963 no *Correio Paulistano*.

De início, a circulação do folhetim é mais espaçada e em seguida passa a circular quase diariamente, perfazendo o prazo de dois meses para finalizar a narrativa que, é preciso lembrar, já se encontrava disponível no mercado editorial brasileiro sob a forma de livro impresso. A concomitância da publicação em folhetim e em livro demonstra, por um lado, a percepção dos editores da força e do sucesso dessa publicação seriada já comprovada em terras estrangeiras, assim como a não preocupação com a concorrência do livro impresso, uma vez que essas diferentes formas de publicação atingiam segmentos do público distintos, entre eles o de *novos leitores*, tais como o público feminino mais amplo e os leitores de origem mais humilde.

Se essa fragmentação do escrito em capítulos numerados e intitulados⁹ oferece dificuldades para um mercado produtor pouco adaptado à fórmula, mas garante, sobretudo, vantagens para o autor/ editor e para o leitor. Ao primeiro permitia dar unidade a um episódio (começo, meio e fim) em meio a uma narrativa em rede, ou seja, repleta de personagens que circulam nos diversos núcleos de ação. Além disso, como a duração de um romance-folhetim poderia ser expandida de acordo com a preferência dos leitores, a obra, por estar dividida em capítulos, permitia o acréscimo de novas personagens, novos fatos, novos ambientes, o que de certo modo aumentava seu período de circulação.

Para os leitores, a segmentação das obras em unidades menores, mas relativamente completas em si (capítulos e subcapítulos), permite-lhes uma certa orientação, localização na trama, que por vezes pode ser publicada ao longo de muitos meses e até mesmo anos. Além disso, a presença de títulos antecipa os fatos explorados no fragmento da narrativa e os localiza em relação ao enredo geral, desempenhando um importante papel na medida

⁹ Há ainda narrativas que, devido à sua extensão, apresentam além dos capítulos, a separação por partes, como encontramos em “Mario, as luctas civis portuguesas entre 1820 a 1832”, do autor português Dr. A. Silva Gayo.

em que ao antecipar fatos pode gerar curiosidade quanto ao seu conteúdo, instigando a leitura ou releitura do capítulo. Essa divisão permitia ao leitor localizar-se em relação à narrativa, realizar leituras seriadas que podiam ser interrompidas e recuperadas mais facilmente quando da retomada da leitura do texto. Outra vantagem editorial dessa fragmentação do texto em capítulos é a de possibilitar a encadernação artesanal, costume comum na época entre os que não tinham condições de adquirir as obras em volumes impressos, por vezes espessos, pesados e caros.

Escritores e editores de romances-folhetins, para facilitarem a leitura do público leitor que acreditavam ser menos experiente, priorizam, além da fragmentação em capítulos cuja narrativa menor é relativamente independente garantindo, assim, a sua compreensão pontual ainda que no interior de uma narrativa maior, adotam também, do ponto de vista da linguagem, uma estrutura dialogal simples, valendo-se prioritariamente para a reprodução de diálogos entre as personagens, de citações diretas. Além disso, a figura do narrador é muito ativa nesse gênero, intervindo na narrativa por diversos motivos: para comentar determinados fatos, para introduzir antecipações ou para trazer à memória dos leitores acontecimentos descritos em capítulos distantes.

Em “Aventuras de Bazílio Fernandes Enxertado”, por exemplo, o narrador interrompe a narrativa para comentar sobre a atitude de uma das personagens, conforme podemos observar no trecho abaixo:

O leitor e eu compreendemos isto com menos explicações. Era o caso que a menina andava boiando, segurando-se a duas amarras. Bazílio dizia-lhe que estava a chegar com o título; Henrique já tinha chegado com uma dúzia de contos de réis. A polygamia seria um grande bem, podendo a menina decidir-se pelos dois; mas a pressão das leis canonicas punha aquelle coração a tormentos. Isto indignou-me! Tive pena de Henrique, e asco de Itelvina.
(Aventuras de Bazílio Fernandes Enxertado, *Correio Paulistano*, 9 de outubro de 1863, p.01)

Ao relatar a atitude de Itelvina que, ciente do interesse de dois sujeitos por ela, ilude a ambos, para ter tempo de decidir qual deles poderia lhe oferecer melhores condições de vida após o casamento, o narrador ironiza um comportamento muito comum nos casamentos arranjados entres as famílias no período, não só pela história que conta, mas pela intromissão descrita acima, na medida em que interpela o leitor da narrativa e realça o asco que sente por Itelvina. Nessa entrada, o narrador instiga o leitor a refletir, fazendo com que este último assumo o papel de cúmplice que compartilha dos sentimentos relatados pelo narrador e dos valores morais vigentes a que ambos estão submetidos. Com esse mecanismo editorial, objetiva-se o estreitamento das relações do narrador com o leitor, simulando uma situação de intimidade e confiança entre esses sujeitos com vistas ao efeito de maior veridicção da narrativa. Segundo as autoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009), em seus estudos sobre a formação da leitura no Brasil, a intervenção frequente do narrador nas histórias, sejam elas contadas em primeira ou terceira pessoas, permite estabelecer “[...] um tipo de familiaridade, que vai além daquela existente entre quem conta uma história e um ouvinte que se deseja atento” (2009, p. 21). Ela é responsável, graças a esses mecanismos de ancoragem no real de que se vale o autor dos textos, pela maior enredamento do leitor na narrativa.

Outra forma de aproximação entre narrador e leitor empregada na escrita dessas narrativas folhetinescas ocorre quando o primeiro entra na narrativa para inserir antecipações ou para rememorar acontecimentos relatados em capítulos anteriores, garantindo a compreensão do enredo por parte de leitores menos atentos, menos habituados à complexidade de uma narrativa mais extensa, ou simplesmente por se tratarem de leitores ouvintes, que são mais suscetíveis à incompreensão do enredo em função da impossibilidade de recuperação de uma passagem anterior, uma vez que não contam com a possibilidade de folhear e reler partes já lidas do texto, necessárias para a compreensão da progressão da narrativa.

No texto “Carteira de um suicida”, de Camilo Castelo Branco, publicado no *Correio Paulistano* no período de 12 a 15 de janeiro de 1864, o narrador discute com um suposto amigo a diferença entre a realidade e a ficção. Para o amigo, a ficção é mais verdadeira que a própria realidade, pois está

organizada pela lógica do narrador. Ele usa as cartas de um conhecido para comprovar sua afirmação. Como são cartas que descrevem a declaração de um amor exacerbado, em um momento o amigo interrompe o narrador para saber se estava aborrecido com a leitura. Este responde que não, mas pede apenas ao amigo que adiante algum fato que de certo o faria ler com mais curiosidade. As antecipações, portanto, servem como um mecanismo de sedução, tal como as definem Martin-Barbero (1997).

Em outros casos, essa voz do narrador projetada no enunciado também pode criar um efeito de sentido diferente. É o caso da narrativa de Manuel Antônio de Almeida, “Memórias de um sargento de milícias”, obra também publicada no *Correio Paulistano* no ano de 1866, em que as intromissões do narrador são usadas como uma forma de tutelar a leitura de um público considerado ainda iniciante. Nesse caso, as constantes intrusões são artifícios usados pelo autor na tentativa de guiar esse público pela mão, para que este não se perca no emaranhado de histórias e personagens e acabe pondo a leitura de lado.

Outros elementos bastante recorrentes nos romances-folhetins e que de certo modo contribuem para atingir novos públicos advêm principalmente do apelo ao melodrama. Brito Broca (1979), pesquisador da história da literatura, afirma que Émile de Girardin, idealizador da seção das histórias seriadas, observando o êxito extraordinário dos melodramas parisienses, por volta de 1840, chegou à conclusão de que, se publicasse em folhetins diários romances com aqueles mesmos ingredientes dos melodramas certamente alcançaria o sucesso tão almejado.

Não é por acaso que um dos artífices máximos do romance-folhetim, tenha sido Dumas, grande dramaturgo da época, e que Sue, outro renomado folhetinista, também tenha se inspirado no melodrama, mais especificamente na peça de Félix Pyat, *Les deux serruriers* para escrever *Os mistérios de Paris*, marco na história do romance-folhetim. As apropriações feitas pelo folhetim em relação ao melodrama são variadas, dentre as quais destacamos: a constituição das personagens e a construção do enredo.

A primeira característica que une o romance-folhetim ao melodrama diz respeito à exploração de uma lógica maniqueísta, em que a luta entre o Bem e o Mal desenrola-se normalmente entre três personagens, conforme

descreve José Ramos Tinhorão (1994), em seu estudo sobre os romances-folhetins no Brasil: a vítima (caracterizada como aquela que sempre sofre injustiças sociais ou particulares), o vilão (figura que representa a maldade humana, capaz de realizar qualquer tipo de crueldade), e o herói (representação do bem, configura-se como aquele que salva a vítima).

Esses sujeitos das narrativas de ficção publicadas em folhetins são personagens relativamente planos tal como explorado na produção de melodramas que, segundo Martin-Barbero (1997), apoia-se em quatro figuras: o Traidor, o Justiceiro, a Vítima e o Bobo, cada qual personificando, respectivamente, quatro tipos de sentimentos básicos: o medo, o entusiasmo, a dor e o riso.

Gêneros voltados para um público novo e sem tradição cultural erudita, o romance-folhetim e o melodrama apoiam-se na narração dos fatos de forma clara e linear sem se aterem a um desenvolvimento reflexivo ou psicológico das personagens. Os leitores ou expectadores conhecem as personagens das histórias por meio das ações que realizam. Com essa estratégia, os leitores entram em contato com personagens simples, caracterizadas por representarem qualidades ou defeitos únicos, que despertam sentimentos como a admiração (herói), o terror, o medo e a revolta (vilão) e a piedade (vítima). Ambos os gêneros exploram o sofrimento humano que pelas situações dramáticas e apaixonantes levadas ao exagero prendem a atenção do leitor/ expectador. O romance *“Mario: episódios das luctas civis portuguesas de 1820 a 1834”*, escrito por Dr. A. Silva Gayo e publicado no *Correio Paulistano*¹⁰, relata o amor entre Thereza e Mario que é abalado por um sujeito mau, Jorge. Thereza, protagonista da obra portuguesa de Silva Gayo, representa as vítimas ou heroínas das narrativas folhetinescas. Geralmente essas mulheres são descritas como seres angelicais, indefesos e puros como podemos perceber na descrição a seguir:

Tinha quinze anos, e um corpo alto e elegante, sustentado em dois pés infantis, que á moda do tempo trazia descobertos, num oval formoso, eram admiráveis a pureza e a harmonia das feições; e como nas cabeças

¹⁰ Este folhetim do autor português Dr. A. Silva Gayo foi publicado pelo *Correio Paulistano* no período de 25 de dezembro de 1868 a 9 de abril de 1869 diariamente e sem interrupções.

negras, encobriam-lhe parte da fronte, elevada e nobre, bastos cabelos louros e ondedos. Eram a aureola d'aquele rosto, em que brilhavam, com raríssima beleza, olhos negros, aveludados, nadando em fluido, e protegidos por longas pestanas e sobranceiras negras, que pareciam obra de pincel primoroso.

(Mario: *episódios das luctas civis portuguesas de 1820 a 1834* In: *Correio Paulistano*, 27 de dezembro de 1868: 01).

Vale ressaltar que esse traço angelical¹¹ não se restringe à aparência física, mas se estende às suas atitudes morais. Geralmente são seres que se preocupam com o próximo, colocando o bem coletivo acima dos particulares. Mantêm suas virtudes mesmo diante de todos os sofrimentos, tal como tão bem representa Thereza, que encarna a figura da mulher que desde o nascimento sofre com as adversidades da vida, pois fica órfã de mãe logo no nascimento. Na juventude perde o pai assim que este é preso por conta de questões políticas. Ao se apaixonar por Mario, é separada dele uma vez que vai preso injustamente em função das artimanhas de Jorge Pinto, representante da maldade, da crueldade e da vingança, nessa narrativa. Esse sujeito, ao ver-se renegado pela jovem Thereza, pratica diversas perversidades, entre as quais destaca-se a prisão de Mario.

Quanto ao herói, representado pela figura de Mario, é caracterizado como um sujeito virtuoso mesmo diante de todas as adversidades da vida. Perde a mãe também muito cedo, seu pai, viciado em jogos, espolia toda sua fortuna e chega a roubar a joia herdada por Thereza enquanto o jovem Mario é socorrido pelos tios da amada. É preso muito jovem por questões políticas e por assumir o crime de roubo realizado por seu pai.

¹¹ A figura da mulher anjo não se aplica às narrativas de Camilo Castelo Branco, por exemplo, já que ao fazer críticas à sociedade da época, algumas de suas personagens femininas são interesseiras, como Mécia, protagonista de “O santo da montanha”, e Etelvina, de “Aventuras de Bazílio Fernandes Enxertado”. Ambas com o poder de sedução que têm tentam conseguir o melhor partido para um bom casamento. No entanto, ambas sofrem com essa atitude, Mécia acaba sendo assassinada e Etelvina depois de muitos padecimentos na mão do sujeito que tentou enganar acaba se unindo ao antigo amigo de infância, Bazílio, que muito a amara e ajudara.

Essa caracterização maniqueísta das personagens, além de auxiliar no processo de identificação do público, pois seduzido pelas situações dramáticas e apaixonantes levadas ao exagero acompanha a narrativa até o final, permite que a leitura seja acompanhada e entendida por sujeitos menos experientes, cujas habilidades de leitura são mais restritas se comparadas às de leitores tradicionais e familiarizados com narrativas complexas e extensas. Ao mesmo tempo, essa multiplicidade de emoções advindas das ações de cada personagem permite não apenas oferecer ao mesmo leitor/ espectador uma rápida transformação emocional, que de certo modo favorece o aumento da sua comoção, como também satisfaz públicos diversificados – os apreciadores do trágico, do cômico ou do patético.

Esse conflito demarcado em demasia entre o bem e o mal, como vimos, torna clara a divisão dos papéis para o leitor/ouvinte. Tanto o herói como o vilão têm consciência da opção que fazem e por que a fazem. Enquanto os maus agem em busca de bens próprios, os bons confiam na força da justiça e acreditam que seus ideais são superiores, resgatando sentimentos positivos e raros como lealdade, amor, liberdade, moralidade.

Outro recurso extraído do melodrama e de grande importância para a construção do romance-folhetim é a exploração recorrente da temática dos amores impossíveis, das paternidades trocadas, das heranças usurpadas, dos duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões que trazidos para o contexto do público consumidor eleva ainda mais a carga emotiva, promovendo a identificação dos leitores com a obra. De acordo com Nadaf (2002), esses:

Núcleos de romances narrativos geradores de muita tensão, testados e aprovados anteriormente com êxito pelo citado melodrama, e que neste modo de romance foram acrescidos de um recheio extraído do próprio habitat e dos conflitos da vida doméstica do público consumidor elevando ainda mais sua carga emotiva. (NADAF, 2002, p. 21)

Mais do que usufruir do processo de identificação e de alargamento do público leitor produzidos pela forma como eram construídas as personagens

das histórias folhetinescas, elas ainda representam modelos de comportamento para a sociedade do século XIX. Muitas obras publicadas nessa época, principalmente romances, foram vilipendiadas ou valorizadas com base nessas questões. *Madame Bovary*, de Flaubert, foi recebida com escândalo na medida em que representava uma verdadeira ameaça moral pelo exemplo negativo para as mulheres da época pela forma como tratava o tema do adultério. Muito mais do que diversão para os *novos leitores*, os romances-folhetins deveriam acatar a função de propagador dos valores da sociedade industrial urbana que se formava na Europa do século XIX, assim como na sociedade brasileira de então, cuja especificidade era a busca da criação de uma identidade nacional após a emancipação política da metrópole.

Relacionada à característica moral, a divisão maniqueísta das personagens principais entre bons (herói e vítima) e maus (vilões, bandidos) reforçam condutas idealizadas para a sociedade da época. Enquanto o segundo grupo demarca as características a serem repelidas na medida em que descrevem os desvios e perversões degradantes da sociedade, as condutas dos heróis e heroínas são grandes exemplos a serem seguidos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os folhetins representaram uma fórmula editorial de sucesso tendo em vista seu objetivo de atrair grande número de leitores para os jornais do século XIX e sua ampla recepção junto a públicos leitores diversos. Alexandre Dumas e Eugene Sue contribuem sobremaneira para a produção folhetinesca, criando uma espécie de receita que passa a ser copiada por autores do mundo inteiro que se aventuram a escrever romance-folhetim. Herdeiro de muitos elementos do melodrama - histórias de amor impossíveis, regadas a vinganças, duelos entre personagens configurados de forma maniqueísta - somados ao corte preciso dos episódios, capazes de despertar o interesse do leitor pelos próximos números, à tentativa de aproximação do autor de seus leitores por meio da conversa instalada no discurso, o romance-folhetim promove escritores nacionais, amplia e torna cativo o público de impressos, institui e populariza o gênero, contribui

para a difusão de valores morais junto ao público que acompanha com entusiasmo e fidelidade enredos que chegam a ser publicados ao longo de semanas, meses e até anos.

Com base na análise específica dos romances-folhetins publicados no *Correio Paulistano* entre as décadas de 1860 e 1870, observamos que essa seção do jornal, apoderando-se dos ingredientes acima mencionados, atinge seu primeiro objetivo, tornar-se um local em que leitores diversos, não exclusivamente interessados nas notícias políticas ou nos informes técnicos que caracterizam a imprensa da época, podem encontrar textos mais amenos voltados ao lazer, à diversão, ao entretenimento, garantindo o acesso a suas narrativas a parte de um público leitor (ou ouvinte) oriundo dos mais variados segmentos sociais, mas principalmente do *novo leitor* que, graças a fatores de diversas ordens (aumento do êxodo rural com conseqüente ampliação da população urbana, em especial nas capitais, ampliação da faixa de população que se alfabetiza, processo de industrialização que incorpora contingentes de trabalhadores, ampliação das técnicas de produção do impresso e seu conseqüente barateamento, sucesso de uma fórmula editorial já comprovado etc.) têm acesso a esse gênero editorial e textual, que consome frequente e apaixonadamente. Trata-se de um leitor relativamene inesperado, quase sem rosto e exponencialmente ampliado pela nova forma editorial. Para a descrição de seu perfil podemos seguir os traços deixados na escrita dos textos (e em suas eventuais reestruturações formais) que sinalizam para suas competências de leitura, ainda que se deva lembrar que elas se tratam das competências pressupostas pelos autores e editores desses textos, que não necessariamente com eles se identificam culturalmente. São essas variações ou continuidades, manifestas na escrita dos textos, entre as regras de funcionamento da produção e recepção erudita de textos que nos permitem, ao estudar a linguagem dessas obras, apreender ainda que brevemente traços do perfil desse *novo leitor* a quem a escrita de folhetins se direciona e para quem essa escrita impõe as regras e modelos de sua leitura.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José. *Como e Porque sou romancista*. 1873. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000311.pdf>. Acesso em: 10 de Dez. 2013.

BROCA, Brito. O romance folhetim no Brasil. In: _____. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos* – vida literária e romantismo brasileiro. São Paulo: Polis; Brasília: INL/ MEC, 1979. p. 174-178.

CHARTIER, Roger. Leitura e leitores ‘populares’ da renascença ao período clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *História da Leitura no Mundo Ocidental 2*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. L. Morretto, Guacira Marcondes Machado, José Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 117-129.

_____. Leituras “populares”. In: *Formas e sentido*. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 141-167

GINZBURG, Carlo [1976]. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOULEMOT, Jean-Marie (Org.). *Valentin Jamerey-Duval: Mémoires: enfance et éducation d’un paysan au XVIIIe siècle*. Paris: Minerve, 1981.

HÉBRARD, Jean. Pode-se fazer uma história das práticas populares de leitura na Época Moderna? Os “novos leitores” revisitados. In: Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial, I, Rio de Janeiro: UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 2004. Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/Herbrad4.pdf>>. Acesso em: 15 de set. de 2013.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve certo por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 a 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. 321p.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2009. 374p.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo & CHARTIER, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antonio de Macedo Soares. v. 2. São Paulo: Ática, 1999. p. 165-202.

MARTIN-BARBERO, Jésus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 356p.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. 2 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005. 478p.

_____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. 347p.

MOLLIER, Jean-Yves. O folhetim na imprensa e a livreria francesa no século XIX. In: _____ *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural*. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.p. 83-96.

NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. 426p.

ROCHE, Daniel (Org.). *Journal de ma vie: Jacques-Louis Ménétra compagnon vitrier au 18^{ème} siècle*. Paris: Montalba, 1982.

SERRA, Tania Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839-1870)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1997. 245p.

SOUSA, Alberto de. *Memória histórica sobre o Correio Paulistano*. SP: Typographia a vapor Rosenhain & Meyer, 1904. 78p.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)*. São Paulo: Duas Cidades, 1994. 99p.

Recebido: 17 de fevereiro
Aceito: 28 de maio